

A importância da interpretação comunitária para um mundo mais justo: a experiência de um pequeno programa de treinamento nos Estados Unidos

Cristiano A. Mazzei

Programa de Tradução & Interpretação (TRIN)

Century College – White Bear Lake, Minnesota

As primeiras palavras que ouvi quando adentrei o quarto de hospital de uma senhora portuguesa para minha primeira experiência como intérprete na área da saúde, nos Estados Unidos, dez anos atrás foram: “Você é o anjo?” Sem ter a menor noção prévia sobre o estado de saúde do paciente por causa de questões de privacidade (algo que merece um ensaio separado), entrei numa ala psiquiátrica para uma experiência que levantaria uma série de questões, práticas e teóricas, sobre as mediações linguísticas e culturais necessárias em cenários que são completamente distintos da interpretação de conferência, área onde recebi formação acadêmica e treinamento. Sem entrar em detalhes a respeito do uso da palavra “anjo” para teorizar a interpretação comunitária (onde se inserem a médica ou da área da saúde, apesar de não ser opinião unânime), quero apenas ressaltar que tal figura celestial não me parece o melhor ícone para tal atividade, pois pressuporia que os intérpretes comunitários (ou, atrevo-me a dizer, qualquer outro intérprete de qualquer área), são “invisíveis, imparciais e assexuados”. Na verdade, estamos bem longe disso, ou seja, nossa presença, visões de mundo e gênero são apenas alguns dos componentes de nossa identidade que desempenham um papel crucial na forma como interpretamos, como demonstram pesquisas mais recentes nessa área e minha própria experiência como intérprete e professor de interpretação (Mikkelson 1998, Angelleli 2004, Diriker 2004, Berk-Seligson 2006, Mona Baker, 2009, Erik Camayd-Freixas 2008, Michael Cronin 2002, Sandra

Hale, Ian Mason 2009, Sonja Pollabauer 2004, Cecilia Wadenjo 1998, Pochhacker 2002, Takeda 2010). Mas voltemos um pouco no tempo para explicar como cheguei aqui.

Minha trajetória no mundo da interpretação não é muito diferente da de alguns de meus colegas brasileiros, que optaram por essa profissão no início da década de oitenta. Com poucas opções de programas de graduação à época, no Brasil, decidi formar-me bacharel em Letras – Habilitação em Tradutor/Intérprete Português/Inglês, através do curso oferecido pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas (atualmente parte do complexo Anhanguera de ensino). Como alguns dos outros alunos da faculdade, meu contato com o idioma e cultura inglesa dera-se, anteriormente, através de vivência nos Estados Unidos, em meados da década de setenta, graças a um programa de mestrado realizado por meu pai, que levou toda a família consigo, na Michigan State University. Entretanto, meu contato inicial com a língua inglesa, assim como muitos outros habitantes de “países em desenvolvimento”, aconteceu muito antes disso. Como parte da poderosa estrutura imperialista cultural norte-americana, cresci no Brasil assistindo a programas de televisão americanos dublados, filmes dublados e legendados no cinema, lendo gibis e literatura norte-americana traduzidos, ouvindo rock-and-roll, R&B, jazz, disco, country, etc. (meus pais tinham um gosto musical bastante eclético) e desenvolvendo, ao longo dos anos, aquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em sua famosa palestra sobre relações pós-coloniais “*The Danger of the Single Story*” (O perigo da estória unidimensional – minha tradução), transmitida pelo maravilhoso website Ted Talks, em julho de 2009¹, chama de “*a desperate desire to taste...*” (um desejo desesperado de saborear) a cultura estadunidense. Tal relacionamento meu com a cultura e idioma dos Estados Unidos, algo somente possível através da tradução, foi extremamente importante na minha formação e

¹ http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en#t-98454

desenvolvimento individual e ilustra o quão poderoso é o arsenal imperialista cultural na forma como recebemos e, até mesmo, entendemos a cultura do outro hierarquicamente mais forte. Felizmente, meu posicionamento a respeito da cultura estadunidense foi questionado mais tarde em meus estudos de pós-graduação em tradução, quando pude entender melhor como funcionam as relações de poder e ideologia e o quão vulneráveis somos diante das forças que não entendemos completamente e aceitamos sem discutir. Porém, essa discussão merece um ensaio separado e não será foco deste trabalho. Quero apenas salientar a importância da teoria no ensino da tradução e interpretação, pois, enquanto “mediadores”, somos uma das peças mais importantes no intercâmbio entre potências que não desfrutam da mesma posição hierárquica e nada que é trocado entre diferentes culturas é isento de ideologia e interesses comerciais, políticos e pessoais. Nem mesmo o mediador!

Minha jornada em direção à profissionalização como intérprete deu-se de forma intencional, ou “*by design*”, conforme indica Geoffrey Samuelsson-Brown, nas páginas iniciais de seu livro *A Practical Guide for Translators*, quando fala sobre as duas únicas formas, segundo ele, das pessoas tornarem-se tradutores, “*by design or by circumstance*” (por intenção ou por circunstância – minha tradução). Sem questionar aqui a fórmula simplista adotada pelo autor – obviamente há muitos outros caminhos pelos quais indivíduos chegam à profissão de tradutor e intérprete – acho importante salientar o fato de que não sou autodidata, diferentemente de muitos de meus antecessores; estudei e trabalhei bastante para “tornar-me” tradutor e intérprete. Entretanto, quero também deixar bastante claro que acredito mais na ideia de estarmos sempre dentro de um processo de tornarmo-nos intérpretes e tradutores; que não existe um fim, ou seja, o tradutor/intérprete “formado”. Semelhante a qualquer outra profissão embasada em

prática, traduzir e interpretar são atividades em que estamos sempre nos “tornando” aquilo que queremos ser.

Depois de trabalhar como tradutor e intérprete autônomo por alguns anos depois de minha formatura e, claro, dando aulas particulares de inglês e tendo-as como principal fonte de renda inicialmente, consegui meu primeiro emprego “de carteira assinada”, no início da década de noventa, trabalhando como tradutor e intérprete para uma empresa de engenharia que prestava serviços para uma corporação americana. Vinte anos mais tarde, em minha trajetória de “tornar-me” tradutor e intérprete, construí uma carreira bem-sucedida no mundo da tradução e interpretação comercial, de marketing e publicitária, abrindo meu próprio escritório no final da década de noventa, fazendo pós-graduação em marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, tornando-me tradutor juramentado em 2000 e prestando serviços para diversas multinacionais ao longo desse período.

Em 2005, decidi que tinha acumulado um conhecimento razoável sobre a prática da tradução e interpretação, ao ponto de achar que talvez pudesse ensinar e preparar a nova geração. Porém, precisava atualizar meu embasamento teórico sobre as novas tendências dentro dos estudos da tradução. Foi, então, que resolvi me candidatar e me matricular no programa de mestrado oferecido pela Universidade de Massachusetts Amherst, sob orientação dos professores Edwin Gentzler e Maria Tymoczko. Voltar para a universidade aos quarenta anos de idade e ter o privilégio de estudar com duas figuras ilustres do mundo da teoria da tradução foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Minhas ideias a respeito da prática da tradução e interpretação passaram a ser vistas por lentes mais interdisciplinares (não apenas linguísticas), e vários questionamentos a respeito de minha prática profissional

ao longo de minha carreira começavam a ser resolvidos por questões teóricas. Enfim, meu horizonte expandiu-se, e meu interesse em ensinar ambas as disciplinas só cresceu.

Foi durante meus estudos de pós-graduação em Massachusetts e através de uma bolsa de estudos que exigia que eu praticasse minhas habilidades de tradutor e intérprete enquanto estudava, que fui apresentado ao universo da interpretação comunitária, conforme indico em meu exemplo no início deste artigo. De acordo com o anúncio da primeira conferência internacional de interpretação comunitária realizada no Canadá, em 1994, pela organização Critical Link:

Community Interpreting enables people who are not fluent speakers of the official language(s) of the country to communicate with the providers of public services so as to facilitate full and equal access to legal, health, education, government, and social services.

A interpretação comunitária permite que as pessoas que não são falantes fluentes do(s) idioma(s) oficial(ais) do país comuniquem-se com os órgãos de serviços públicos de forma a obterem acesso total e igualitário ao atendimento e aos serviços jurídicos, educacionais, governamentais, sociais e de saúde (minha tradução).

Minha formação brasileira como intérprete de conferência tinha me preparado bem, em termos de habilidades interpretativas, porém não estava devidamente equipado para as demandas desse mundo novo e altamente complexo de mediação cultural e linguística, onde um pequeno desvio de significado pode representar vida e morte para um paciente imigrante sendo atendido num pronto-socorro ou em outra ala de um hospital. Além disso, por causa da interdisciplinaridade dos estudos da tradução e, conseqüentemente, ter tomado cursos de pós-graduação em matérias como filosofia, feminismo, estudo de gênero, pós-colonialismo, sexualidade, etc., a interpretação comunitária passou a me interessar

muito do ponto de vista teórico, no que diz respeito à sua “marginalidade”, dentro dos estudos de interpretação, disciplina que historicamente favoreceu a modalidade conferência em seus estudos acadêmicos. A atenção acadêmica voltou-se para interpretação comunitária por volta do período do *Cultural Turn* (Virada Cultural) dos estudos da tradução, onde questões que colocam o tradutor e o intérprete no centro da atividade de intermediação cultural e linguística vieram à tona, além de sérias críticas contra os estudos acadêmicos que não levavam em consideração questões de poder, ideologia e hierarquia. Em um artigo de 2002, Michael Cronin lembra da importância de considerarmos tais fatores:

...ethics in interpreting cannot be considered in a universal ahistorical fashion, in isolation from hierarchical relationships of power... if you or your people are seriously disadvantaged by the hierarchy, the most ethical position can be to be utterly “unfaithful” in interpreting in the name of another fidelity, a fidelity of resistance. This is not a ‘problem.’ It is a strategy for survival. (Cronin 2002: 394)

...a ética na interpretação não pode ser considerada de uma forma não histórica e universal, isolada das relações hierárquicas de poder...se você ou seu povo encontra-se em posição de desvantagem por causa da hierarquia, a posição mais ética pode ser a “infidelidade” máxima na interpretação em nome de outra fidelidade, a fidelidade da resistência. Isso não é um “problema”. É uma estratégia de sobrevivência. (minha tradução)

Meu fascínio pela área foi tanto que decidi investigar a possibilidade de treinar alunos, primeiramente, dando aulas de interpretação dentro da Universidade de Massachusetts Amherst e, depois, em pequenas oficinas na região próxima à universidade. Como disse anteriormente, a maioria dos artigos a respeito do ensino da interpretação era,

basicamente, focada em conferência, com exceção de alguns textos escritos por Holly Mikkelson², professora do Middlebury Institute of International Studies. Então, passei a adaptar a metodologia para uso dentro da modalidade comunitária. Também tive a oportunidade de participar de um importante *Trainer of Trainers*, infelizmente agora extinto, oferecido por Holly Mikkelson e Katherine Allen, para professores de interpretação comunitária, oferecido pelo Monterey Institute of International Studies, Califórnia, no ano de 2009.

Aos meus estudos de pós-graduação, agora estudando para o doutorado, acrescentei a atividade de treinar indivíduos “bilíngues” para tornarem-se intérpretes e facilitar o acesso de imigrantes a importantes serviços públicos nos Estados Unidos. Em 2010, li um anúncio de contratação de professor e coordenador de um programa de tradução e interpretação comunitária em Minneapolis, um cargo com possibilidade de titularidade depois de três anos. Não pensei duas vezes: interrompi o doutorado e me candidatei. O resto é história, a qual compartilho abaixo.

O Programa de Tradução & Interpretação (TRIN) do Century College, faculdade próxima de Minneapolis, foi criado através de uma bolsa da Fundação Bush³ e a participação de importantes atores na área de treinamento de intérpretes e tradutores no estado de Minnesota, inclusive a Universidade de Minnesota, com o propósito de atender à crescente demanda por intérpretes profissionais no estado. Como em muitos outros países desenvolvidos e que atraem grandes números de imigrantes, alguns grupos (nem todos) dos Estados Unidos entendem que o acesso a serviços públicos é um direito civil e constitucional de qualquer cidadão, não importa a sua origem. O Departamento de Saúde e Serviços

² <http://www.acebo.com/pages/articles-by-holly-mikkelson>

³ <https://www.bushfoundation.org/grants>

Humanos⁴ entende que o Artigo VI da Lei de Direitos Civis de 1964 esclarece tal direito, quando diz que não deve haver discriminação com base em nacionalidade. Mas, nem tudo é um mar de rosas, pois, infelizmente, ainda há resistência em certos lugares, em especial de grupos mais conservadores, que ainda acreditam na política de que os imigrantes devem apenas falar a língua oficial do país e não devem receber tratamento “especial”, mesmo quando inúmeras pesquisas demonstram que o custo é menor para o sistema quando o imigrante com proficiência limitada em inglês (LEP – *Limited English Proficient*) consegue ser atendido com a ajuda de um intérprete, pois, no caso da saúde, não precisa voltar diversas vezes para ser atendido por dificuldade de comunicação, além de evitar sérios problemas de saúde e diagnósticos errôneos⁵. De qualquer forma, voltemos ao programa de treinamento do Century College.

Diferente de outros currículos de ensino de interpretação, TRIN não é focado em apenas um idioma; o programa é o que chamamos, em inglês, de “*language neutral*”, que significa que aceita alunos de qualquer idioma, contanto que um deles seja o inglês. Isso é bastante importante no âmbito da interpretação comunitária, pois existe uma demanda muito grande por intérpretes de línguas minoritárias, emergentes ou de menor difusão, e seria impossível criar programas específicos para cada uma delas. Por exemplo, um dos idiomas emergentes no estado de Minnesota é, atualmente, o *Karen*, dialeto falado por um grupo minoritário de Myanmar, etnia perseguida pelo governo do país e forçada a emigrar e refugiar-se em diversas partes do mundo. Essa também é uma característica de muitos dos alunos, muitos dos quais sofreram perseguição em seus países de origem, inclusive tortura, guerras, etc., algo que se torna necessário incluir na discussão da pedagogia do ensino da

⁴ <http://www.hhs.gov/ocr/civilrights/resources/specialtopics/lep/>

⁵ <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK19910/>

tradução e interpretação comunitária, ou seja, planos de aulas, exercícios de classe e material para prática de habilidades devem incluir tal perspectiva.

Como é de se esperar, o espanhol é o idioma utilizado pela maioria dos alunos, visto que representa a maior demanda em termos de serviços de tradução e interpretação. Os últimos dados do censo dos Estados Unidos indicam que a população hispânica representou 17%, em 2013, ou seja, 54 milhões de habitantes. Isso sem contar os imigrantes sem documentação, população estimada, em 2011, em aproximadamente 11 milhões, de acordo com dados do Pew Research Center⁶, os quais também gozam de acesso a serviços de interpretação em várias áreas. A demanda também varia nos Estados Unidos com base em área geográfica. O português, por exemplo, possui altíssima demanda na costa leste dos Estados Unidos, com maior concentração em Massachusetts. O programa TRIN, do Century College, também tem observando aumento no número de alunos que trabalham com o idioma português, indicando crescimento da pequena população no estado de Minnesota.

Outra questão importante do programa é que os alunos são bastante diversificados, com grupos compostos de imigrantes, muitos dos quais possuem formação superior em seus países de origem em diferentes áreas, como engenharia, medicina, arquitetura, etc. Porém, alguns deles não terminaram seus estudos em seus idiomas nativos e possuem diferentes níveis de proficiência em seu idioma materno. Outro grupo de estudantes é composto por cidadãos estadunidenses que estudaram um segundo idioma, com o espanhol sendo o principal, muitos deles tendo se formado com bacharelado em espanhol ou estudos hispânicos. Alguns alunos viveram no exterior por diferentes períodos de tempo, portanto, com proficiências linguísticas bastante variadas. Alguns alunos do programa são *heritage speakers* (falantes de segunda geração), ou seja, nascidos nos Estados Unidos, em famílias

⁶ <http://www.pewhispanic.org/2013/01/29/a-nation-of-immigrants/>

imigrantes, inclusive hmong, latino-americanos e somalianos. Uma boa parte dos estudantes já trabalha como intérprete comunitário, com algum ou nenhum treinamento formal, tendo começado na profissão enquanto ainda jovens, interpretando para seus pais e familiares em diversas situações. Aliás, essa é uma das razões por trás do esforço em profissionalizar a interpretação comunitária: para evitar o uso de crianças como mediadores linguísticos e culturais, por dois motivos principais. Em primeiro lugar, elas não possuem o entendimento nem a maturidade necessária a respeito do cenário, sistema ou contexto onde precisam interpretar para seus familiares (falta de conhecimento terminológico, por exemplo) e, em segundo lugar, crianças não devem ser expostas a situações de alto estresse emocional. Imaginem crianças interpretando a notícia para seus pais de que um deles sofre de câncer terminal ou tendo que facilitar a comunicação em exames ginecológicos ou urológicos para seus familiares.

A pedagogia do programa TRIN é focada no processo da tradução e interpretação, ou seja, os alunos fazem reflexões e autoavaliações sobre seu próprio desempenho nos exercícios de tradução e interpretação, algo extremamente importante para estimular a aquisição de habilidades e promover uma estrutura para aprendizado contínuo, para o resto da vida profissional. Muitos dos exercícios práticos para desenvolvimento de habilidades cognitivas, de memória, de compreensão auditiva, etc., são também realizados em inglês. Não obstante, foram contratados revisores linguísticos externos para oferecer retorno aos alunos sobre seus trabalhos em seus idiomas específicos, pois acredita-se que isso melhora sua experiência de aprendizado e oferece-lhes avaliações essenciais sobre suas habilidades linguísticas. Outro componente bastante importante no ensino de interpretação comunitária é o aprendizado das normas de condutas profissionais e códigos de ética inerentes a cada cenário específico onde os profissionais irão trabalhar no futuro. Várias

associações profissionais de intérpretes nos Estados Unidos, em especial, a National Council on Interpreting in Healthcare⁷ e a International Medical Interpreters Association⁸, depois de muito trabalho, pesquisa e dedicação, publicaram suas normas de conduta e códigos de ética, há alguns anos, os quais são utilizados em todos os treinamentos de intérprete comunitário. A combinação de várias culturas e idiomas dentro da mesma sala de aula do programa TRIN enriquece o ambiente de aprendizado, uma vez que os alunos são capazes de trocar experiências e visões diferentes sobre equivalência e questões culturais e linguísticas diversas aplicadas ao processo de tradução e interpretação.

A filosofia do programa é centrada no aluno, com enfoque e desenvolvimento de habilidades cognitivas, tomada de decisão e pensamento crítico. Algumas das aulas e tarefas incluem a leitura e discussão de materiais teóricos e práticos, os quais são extremamente importantes para desenvolver habilidades de pensamento crítico e tomada de decisão, além de oferecer aos alunos reconhecimento da tradução e interpretação como profissão e campo de pesquisa. Os estudantes também realizam apresentações constantes para aperfeiçoarem suas habilidades discursivas e analíticas. Os exercícios de *role-play*, ou como gosto de chamar em português “teatrinho”, incluem prática e análise de várias questões que vão além do intercâmbio linguístico. Um componente que é pouco explorado em outros programas e é central no TRIN é a discussão, exploração e prática de *performance* ou encenação. Se pararmos para pensar, a interpretação e também a tradução, embora de forma diferente, têm a ver com profissionais assumindo papéis diferentes, personificando outras pessoas, seja por alguns minutos ou por longos períodos de tempo, falando em lugar de outras pessoas, “fingindo” ser outra pessoa. Isso é ainda mais evidente na área da

⁷ <http://www.ncihc.org/>

⁸ <http://www.imiaweb.org>

interpretação comunitária. Durante o programa todo, os alunos realizam exercícios de “teatrinho” em várias áreas da interpretação comunitária, inclusive saúde, serviços sociais, escolas, imigração, jurídico. Conforme Douglas Robinson em *Becoming a Translator: and Introduction to the Theory and Practice of Translation*:

Translators are fakers. Pretenders. Impostors. Translators and interpreters make a living pretending to be (or at least to speak or write as if they were) licensed practitioners of professions that they have typically never practiced. (Robinson 2005: 128)

Tradutores são farsantes, fingidores, impostores. Tradutores e intérpretes ganham a vida fingindo ser (ou pelo menos falar ou escrever) profissionais de ocupações que, de forma típica, nunca exerceram. (minha tradução)

Com base na importância da *performance* para o bom desempenho na interpretação, o programa TRIN também firmou parcerias com o Centro de Simulação Clínica da Universidade de Minnesota, a qual utiliza de simulação para treinamento de médicos e enfermeiras durante seus cursos de graduação. Os alunos participam de encenações de consultas médicas com diferentes níveis de seriedade, desempenhando os papéis de pacientes e também de intérpretes. Os futuros médicos e enfermeiras também se beneficiam dessa experiência, pois se preparam para quando encontrarão muitos intérpretes em suas vidas profissionais nos Estados Unidos.

Os pré-requisitos do programa do Century College incluem exigências básicas para alunos cursarem o ensino superior, inclusive um exame padronizado que avalia seu conhecimento da língua inglesa e outras disciplinas necessárias para frequentar cursos de nível superior. Outra exigência é que os candidatos participem de uma reunião com o coordenador do programa, para discutir sua proficiência no idioma estrangeiro (não inglês)

e seus planos para concluírem seus diplomas (oferecemos duas licenciaturas – um Certificado de 30 créditos e a Formação de Tecnólogo, de 60 créditos). Além disso, para garantir a proficiência de todos os alunos e antes de passarem para o segundo semestre devem prestar o exame *ACTFL Oral Proficiency Interview*, em inglês e no idioma estrangeiro, ao final do primeiro semestre. A exigência é que os estudantes sejam aprovados no exame com pontuação ou classificação *Advanced High* ou *Superior* em ambos os idiomas. A nota *Advanced-Mid* poderá ser aceita com base numa avaliação mais holística, onde se leva em consideração o progresso do aluno durante o semestre antes do exame, e que o aluno se comprometa a ter aulas avançadas no idioma que recebeu a pontuação *Advanced-Mid*.

Em resposta à crescente demanda de áreas remotas no estado de Minnesota e à demanda de treinamento de intérpretes de nível superior no restante dos Estados Unidos, o programa TRIN, do Century College, assinou parcerias com outras faculdades e indivíduos, para transmitir suas aulas através de *live streaming*, utilizando a plataforma Adobe Connect, permitindo aos alunos remotos acesso a treinamentos de alta qualidade. A tecnologia ocupa lugar de destaque dentro do programa, pois além de preparar os alunos para um mundo altamente tecnológico, onde intérpretes comunitários já trabalham através de vídeo conferência, também são utilizadas outras mídias para atender às necessidades dos alunos de praticar interpretação e tradução. Um exemplo disso é a utilização de programas que permitem aos alunos fazer apresentações on-line sobre tópicos específicos até software de bate-papo, para treinarem suas habilidades de interpretação consecutiva fora da sala de aula. Em 2011, TRIN começou a oferecer cursos híbridos (combinação entre on-line e presencial) e também lançou cinco cursos de interpretação e desenvolvimento de glossários totalmente on-line.

A fim de concluir seus estudos e receber seus diplomas, os alunos do programa TRIN precisam cumprir um componente de estágio que varia de trinta a sessenta horas, sendo que a maioria dos graduandos acaba realizando mais horas, pois percebe o quanto importante é esse componente. Através de parcerias com empresas locais, agências de tradução e interpretação, complexos hospitalares, instituições educacionais e outros parceiros, os alunos observam outros intérpretes experientes trabalhando em diversas áreas e escrevem um diário crítico sobre suas experiências, sempre as comparando às normas de condutas profissionais e códigos de ética de interpretação comunitária. Na maioria dos casos, os alunos também interpretam sob supervisão de intérpretes mais experientes, os quais devem preencher um formulário de *feedback* e enviarem-nos aos professores para avaliação e discussão em sala de aula. Os estágios proporcionam aos alunos experiências reais e práticas, além da possibilidade de conexão com futuros empregadores.

O programa, conforme mencionado anteriormente, é focado em interpretação comunitária, e os graduandos proporcionam serviços vitais de suporte cultural e linguístico aos imigrantes, à medida que estes tentam navegar pelos diversos sistemas com os quais entram em contato no país para onde emigraram – saúde, jurídico, educacional, serviços sociais e outros. Há grande quantidade de literatura que indica disparidades no atendimento e resultados para indivíduos com históricos cultural e etnicamente diversos, portanto, o programa TRIN, do Century College, tem o compromisso de atender essa população e trabalhar para reduzir as disparidades entre as populações minoritárias.

Devido aos efeitos negativos da globalização e a outras forças internacionais, como guerras e conflitos causados por diferentes razões, em várias partes do mundo, o movimento de pessoas que buscam vida melhor em outros países aumenta a cada dia.

Podemos mencionar aqui o caso recente de imigração haitiana ao Brasil, o qual acompanho a distância, um povo fugindo das consequências do terremoto de 2010 e da pobreza, em busca de melhores perspectivas. Sem entrar em detalhes sobre como certa parcela do país está lidando com esse influxo recente de imigrantes (falta mais comprometimento político e governamental, existem posições reacionárias de grupos mais conservadores da população que esquecem que nosso país foi construído por imigrantes, etc.), uma coisa é certa: imigrantes não falantes de português precisam de intérpretes e tradutores para terem acesso a importantes serviços aos quais têm direito e, assim, poderem participar da sociedade de forma igualitária. Para atender essa demanda cada vez maior, precisaremos de programas de treinamento de intérpretes e tradutores comunitários que possam servir de facilitadores de comunicação para tais grupos minoritários. Precisaremos de profissionais que tenham desenvolvido pensamento crítico a respeito da profissão e do importante papel que desempenham, não como “anjos” benevolentes e invisíveis, mas como participantes ativos e sensíveis às dificuldades e problemáticas trazidas por correntes imigratórias.

Referências bibliográficas

BAKER, M. *Resisting State Terror: Theorizing Communities of Activist Translators and Interpreters*. Hughes, Esperança Bielsa Mialet and Chris. *Globalisation, Political Violence and Translation*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. 222-42.

CAMAYD-FREIXAS, E. *Interpreting after the Largest ICE Raid in US History: A Personal Account*. 4 de abril de 2013, New York Times.

<http://graphics8.nytimes.com/images/2008/07/14/opinion/14ed-camayd.pdf>.

CARR, S.; RODA R.; AIDEEN, D.; DINI, S. *The Critical Link: Interpreters in the Community. Papers from the 1st International Conference on Interpreting in Legal, Health, and Social Service Settings*. John Benjamins Publishing Company, 1997. 322p.

CRONIN, M. The Empire Talks Back: Orality, Heteronomy and the Cultural Turn in Interpreting Studies. In: SHLESINGER, PÖCHHACKER, FRANZ; MIRIAM. *The Interpreting Studies Reader*. London: Routledge, 2002. p. 387-397.

MASON, I. Role, Positioning and Discourse in Face-to-Face Interpreting. In: *Interpreting and Translating in Public Service Settings*. London: Routledge, 2009. p. 54-73.

MIKKELSON, H. Community Interpreting: An Emerging Profession. In: *Interpreting: International Journal of Research and Practice of Interpreting*, 1996. p. 125-129.

PÖCHHACKER, F. Interpreters and Ideology: From 'Between' to 'Within'. INST, 20 de abril de 2013. http://www.inst.at/trans/16Nr/09_4/poechhacker16.htm.

POLLABAUER, S. Interpreting in Asylum Hearings: Issues of Role, Responsibility and Power. In: PÖCHHACKER, F.; LIU, M. *Interpreting* (2004): 143-180.

ROBINSON, D. *Becoming a Translator: an Introduction to the Theory and Practice of Translation*. New York: Routledge, 2005.

SAMUELSSON-BROWN, G. *A Practical Guide for Translators*. Multilingual Matters. 2010.

TAKEDA, K. *Interpreting the Tokyo War Crimes Tribunal: A Sociopolitical Analysis*. Ottawa. University of Ottawa Press. 2010.